

ONDE O SACERDOTIUM E O IMPERIUM SE ENCONTRAM: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM HISTORIOGRÁFICA E POLÍTICA DE JUSTINIANO, O GRANDE (527-565) NOS RELATOS DE PROCÓPIO DE CESAREIA SOBRE A BASÍLICA DE SANTA SOFIA

Ana Maria de Oliveira^{1*}, Renato Viana Boy², Délcio Marquetti³

1. Estudante de História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.
2. Professor de História Antiga, Medieval e do Lab. de Estudos Medievais da UFFS.
3. Professor de História Moderna da UFFS/Orientador.

Resumo

Este trabalho analisou os relatos sobre a reconstrução da basílica de Santa Sofia, contidos no *Livro I Das Construções*, escritos por Procópio de Cesareia no século VI, a pedido do Imperador Justiniano. O objetivo era compreender como as narrativas beneficiaram o poder imperial, o que se observou ocorrer ao criar-se uma imagem historiográfica e política do governante na obra.

A pesquisa teve como resultado a monografia intitulada *Construindo uma imagem imperial em Bizâncio: Narrativa sobre a basílica de Santa Sofia em Das Construções, de Procópio de Cesareia – Século VI* e os relatórios da pesquisa de IC *A escrita da (re)construção de Santa Sofia em Procópio de Cesareia, no século VI*, realizada entre os anos de 2016 e 2017. Assim, os estudos foram organizados para entender quem foi Procópio, qual foi o seu trabalho, como ocorreu a construção da união entre Império e Igreja que embasou os relatos sobre a basílica e edificou a visão que ficou de legado histórico sobre Justiniano.

Palavras-chave: Bizâncio; Igreja Cristã Ortodoxa; Constantinopla.

Apoio financeiro: Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

Trabalho selecionado para a JNIC: UFFS

Introdução

Falar de História Antiga e Medieval no Brasil, áreas que podem ser contempladas pelos estudos aqui propostos, compreende uma série de desafios, muitos deles gerados a partir das experiências com os trabalhos já desenvolvidos e outros que surgem perante a necessidade de responder as demandas atuais. Como expôs a pesquisadora Aline Dias da Silveira¹, há a necessidade de se enfrentar estes desafios, buscando construir continuamente o espaço brasileiro no desenvolvimento da compreensão histórica, a partir das reflexões que podem ser levantadas por pesquisadores nacionais para esses campos.

Foi nessa tentativa de fazer uma “descolonização” dos períodos Antigo e Medieval, a qual visava apresentar aos europeus o olhar do “outro”, que o presente estudo buscou pensar a Antiguidade Tardia em Bizâncio de um local geograficamente tão distante, mas que há algum tempo tem passado por um processo de aproximação acadêmica². Foi visando inserir a historiografia brasileira em debates amplos e atuais que a pesquisa pensou Constantinopla, espaço que compreende a atual cidade de Istambul, na Turquia, durante o século VI.

Para tanto, foram realizadas análises das fontes documentais que relatavam a reconstrução da basílica de Santa Sofia, contidos no *Livro I* do compilado denominado *Das Construções*. As narrativas foram escritas por Procópio de Cesareia (490-562), a pedido do Imperador Justiniano, o Grande (527-565). Assim, o objetivo da pesquisa era compreender como as narrativas foram usadas a favor do poder imperial, à medida que a descrição criou uma imagem historiográfica de Justiniano, que serviu para consolidar e fortaleceu seu governo. Desta forma, foi possível levantar reflexões e deixar contribuições através da monografia intitulada *Construindo uma imagem imperial em Bizâncio: Narrativa sobre a basílica de Santa Sofia em Das Construções, de Procópio de Cesareia – Século VI* e dos relatórios referentes à pesquisa de Iniciação Científica *A escrita da (re)construção de Santa Sofia em Procópio de Cesareia, no século VI*, realizada entre os anos de 2016 e 2017. Ao contemplar uma das principais fontes sobre o período de governo de Justiniano referentes ao seu programa de construções se procurou olhar à luz de um viés nacional até então inexplorado.

Metodologia

¹ SILVEIRA, A. D. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 36, nº 72, 2016, p. 53.

² SILVEIRA, 2016, p. 52.

Este estudo procurou estabelecer um diálogo entre uma ampla bibliografia que examinava os acontecimentos relatados por Procópio de Cesareia e os seus próprios escritos. O critério utilizado para escolha do referencial bibliográfico foi por selecionar obras clássicas amplas, como Edward Gibbon (1778) em *Declínio e Queda do Império Romano*, que permitia uma visão geral do tema, e pesquisas especializadas, como a de Averil Cameron (2005) em *Procopius and the Sixth Century* e a de James Alan Stewart Evans (2001) em *The Age of Justinian: The Circumstances of Imperial Power*.

Por sua vez a fonte utilizada se tratava de um compilado de seis livros. Destes, os livros I, II, III e VI continham um discurso laudatório a Justiniano pelas construções realizadas em todo o Império. Já os livros IV e V se tratavam de listas contendo registros oficiais a que Procópio teve acesso³. A pesquisa se deteve especificamente nos relatos que discorriam sobre as narrativas da basílica de Santa Sofia, presentes em todo o primeiro capítulo do *Livro I*. A edição que foi empregada nos estudos era um livro físico adquirido por compra da *Loeb Classical Library*, de propriedade do Harvard College. Nela constavam as reproduções dos textos originais de Procópio, em grego, que eram consultadas em caso de dúvidas, e traduções para o inglês, de onde advêm nossas leituras. Portanto, se tratava de um exemplar bilíngue.

O método empregado para analisar a fonte tinha como chave de leitura a compreensão da formação de uma imagem historiográfica do imperador Justiniano positivada por Procópio, pois no momento de compilar as narrativas o autor tinha uma visão direcionada sobre o assunto que foi encomendado, conforme esclarecimentos do próprio historiador no início da obra⁴. Já a escrita da monografia e dos relatórios buscou estabelecer uma relação entre as leituras que foram realizadas da bibliografia, da fonte documental e de conceitos observados e percebidos como centrais durante a análise da obra, como ocorreu com Império e Igreja, por exemplo.

Resultados e Discussão

O trabalho de monografia e os relatórios foram estruturados em três capítulos. No primeiro se buscou compreender o autor da fonte analisada e o próprio documento. Assim, através da bibliografia levantada se pensou inicialmente quem foi Procópio de Cesareia. Averil Cameron foi importante neste tópico por esclarecer que as evidências ou fontes para compreensão da história e da carreira do escritor eram escassas, sendo necessário observar as informações presentes em sua maioria nas próprias narrativas do século VI deixadas por ele⁵. Com a autora foi possível discutir ainda aspectos como a situação da cidade natal do autor, à época denominada Cesareia Palestina, e sobre sua religião, por exemplo, já que havia discussões se Procópio era, de fato, cristão ortodoxo. Foi possível também colocá-la para dialogar com Warren Treadgold⁶, quem esclareceu que as origens da educação recebida por Procópio geralmente era destinada a filhos de famílias que administravam.

Em suma, essa busca pelas origens sociais do historiador possibilitou levantar a hipótese na pesquisa de que Procópio estava compartilhando seus preceitos religiosos e políticos em todos os seus trabalhos com a elite tradicional da capital, já que foi o meio que o influenciou quando ele recebeu sua formação inicial em Cesareia, estudando retórica e a imitação de autores clássicos, e o ambiente onde ele esteve inserido quando se mudou para Constantinopla⁷.

Buscou-se neste item entender ainda o período vivido por Procópio na capital. Treadgold⁸ enfatizou que o motivo da mudança do historiador a Constantinopla foi para tentar bens e altos cargos em 518, época em que começou a trabalhar com questões ligadas ao direito. O autor esclareceu também que com frequência jovens defensores públicos tornavam-se conselheiros legais de oficiais. Então, em 527, quando Belisário tornou-se o general do Império, escolheu Procópio como seu conselheiro e secretário particular, quando ele passou a acompanhá-lo tanto em batalhas, quando escreveu sua obra *História das Guerras*, quanto em suas estadias na capital. Com o declínio das guerras justinianas em 540, Procópio fixou-se em Constantinopla, quando escreveu *Das Construções e História Secreta*.

Na sequência, passamos a observar estes três escritos. Averil Cameron diferenciou *Das Construções* dos outros dois escritos de Procópio ao assinalar que este é um “panegírico”, trabalho público e de primeira ordem delegado pelo Imperador⁹. No modelo narrativo escolhido por Procópio se faz um discurso em louvor a alguém através de elogios, os quais levaram em *Das Construções* ao enaltecimento do governo de Justiniano.

Assim, neste tópico não discordou-se que a obra é um panegírico. Entretanto, não houve concordância que ao optar por esse gênero textual, Procópio não estava escrevendo uma obra de História em *Das Construções*, conforme Treadgold afirma em seus estudos¹⁰. A discordância ao posicionamento de Treadgold se deveu, em grande medida, à proposta de pesquisa que se apresentou, onde se analisaria o papel histórico

³ CAMERON, A. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 2005, p. 83.

⁴ PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i.1-6*.

⁵ CAMERON, 2005, p. 04-05.

⁶ TREADGOLD, W. Procopius of Caesarea. In: *The early byzantine Historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010, p. 177-178.

⁷ CAMERON, 2005, p. 06.

⁸ TREADGOLD, 2010, p. 178.

⁹ CAMERON, 2005, p. 08-10.

¹⁰ TREADGOLD, 2010, p. 190.

das narrativas sobre a basílica. Buscou-se compreendê-las enquanto um espaço utilizado pelo historiador e pelo Império para criação da memória do governante, que, por conseguinte, contribuíram para a consolidação de seu poder. Por fim, foram levantadas discussões sobre a data de publicação da fonte, em que este estudo concordou com a data de 559 como a mais próxima do documento ter se tornado público, além de constarem algumas análises iniciais do documento neste item.

No segundo capítulo, se pensou como se construiu o vínculo governamental com a cristandade em Constantinopla, que foi utilizado por Procópio para escrever suas narrativas, valendo-se de uma tradição governamental que foi edificada na História de Bizâncio desde Constantino, e que chegou ao sexto século consolidada. Para isso, Michael Angold¹¹ foi um dos autores que influenciou no trabalho com suas afirmações de que era pelas ideias helenísticas, nas quais se baseavam os Imperadores do Oriente romano, que o soberano já agia sobre a religiosidade nos primeiros séculos de Constantinopla. Compreendeu-se que foi através da mesma tentativa de unidade do mundo heleno, ou da busca por uma identidade para o Império, que a visão sobre a cristandade se alterou a partir de Constantino, o Grande (306-337). Este foi o primeiro Imperador a aproximar-se da doutrina cristã e que a vislumbrou não mais como uma forma de questionar a autoridade governamental, mas sim de reafirmá-la.

Neste sentido, Constantino começou a construção da forma de atuação imperial sobre a religiosidade cristã. Por sua vez, a própria crença cristã passava por transformações, ao passo que ainda estava sendo elaborada. Já com Teodósio I (379-395) se aceitou a linha ortodoxa. Para Angold, esse Imperador elevou a Igreja de Constantinopla ao *status* patriarcal¹² com essa decisão político-religiosa.

Diante dessas atitudes que partem dos imperadores, observou-se que no final do século IV, ocorreu uma melhora considerável no relacionamento governamental com a Igreja em Bizâncio, que possibilitou um enorme avanço no caminho trilhado rumo a uma relação indissociável entre ambas. Considerou-se mais primordial ainda na pesquisa a experiência com o patriarcado de João Crisóstomo (398-404), que além de permitir perceber a importância histórica de Santa Sofia para o período, diante do fato que foi o cenário das contendas entre o Patriarca e a Imperatriz seguinte, Eudóxia (400-408), esposa de Arcádio (395-408), e de ver-se o primeiro incêndio sofrido pela construção pelos mesmos motivos, se possibilitou vislumbrar claramente a sobreposição imperial ao patriarcado na união que se consolidou no período. Tal afirmação foi possível na medida que o primeiro teve autoridade para mandar o patriarca para o exílio após as brigas. Já a atitude do imperador seguinte, Teodósio II (408-450), no ano de 415, buscou demonstrar essa já consolidada união governamental com a Igreja de Constantinopla na basílica de Santa Sofia, quando se juntou *sacerdotium* e *imperium* na basílica para consagrá-la¹³. Consideramos que Teodósio II ampliou a relevância histórica da basílica, ao utilizá-la como lugar de memória no momento da consagração e, assim, lhe atribuiu um novo sentido: do espaço de reconhecimento desta união entre o Imperador e o Patriarca.

Diante das discussões levantadas no primeiro e no segundo capítulo, foi possível no terceiro analisar o papel histórico dos relatos sobre a reconstrução da basílica nas *Construções*, ao construir uma imagem historiográfica do poder imperial. Assim, primeiramente se procurou aprofundar as discussões sobre o papel atribuído pelos governantes as basílicas de Constantinopla, diante do vínculo estabelecido desse tipo de construção com o Império e a Igreja, olhando para o modelo que Constantinopla seguia, da Antiga Roma. Observou-se como o governo imperial passou a dar um imenso valor à religiosidade nos centros urbanos ocidentais olhando para o caso do Pantheon construído por Adriano (117-138), e como ocorreu a conversão destes locais ao cristianismo, já que esta construção, por exemplo, foi um dos primeiros templos pagãos a se tornar cristão, convertendo-se em *Sancta Maria ad Martires*, em 609.

No Oriente não foi diferente. Os espaços destinados à religiosidade cristã começaram a ser transformados e reedificados no período de Constâncio (337-361). Chegaram então à época de Justiniano (527-565) todos correspondendo ao tipo basílica devido à inspiração romana¹⁴. No caso de Santa Sofia, desde sua primeira construção, a basílica serviu como forma de enfatizar a presença da cristandade na cidade. Desta forma, quando Justiniano decidiu reconstruí-la em 532, após a *Revolta de Nika* que a destruiu em seu segundo incêndio, seguir o modelo arquitetônico de uma basílica foi determinante para se alcançar os objetivos pretendidos pelo trono imperial. Toda a construção foi projetada para fornecer o palco onde *sacerdotium* e *imperium* se encontravam, como se pode perceber neste trecho:

é desde as mais pretenciosas construções de que somos acostumados, consideravelmente mais nobre do que aquelas que são simplesmente enormes, é também excessivamente rica na luz solar e na reflexão dos raios solares no mármore. De fato, um poder indica que seu interior não é iluminado de fora pelo sol, mas que o brilho vem de dentro dele próprio, tal é a abundância em que banha-se de luz esse santuário. E a frente da própria basílica [que seria a parte em que se observa a ascensão do sol, essa porção da construção em que eles representam os mistérios de adoração a Deus] foi construída seguindo esses moldes.¹⁵

¹¹ ANGOLD, Michael. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 23.

¹² ANGOLD, 2002, p. 19.

¹³ ANGOLD, 2002, p. 25.

¹⁴ ANGOLD, 2002, p. 18-33.

¹⁵ PROCOPIUS. *Peri Ktismaton I. i. 29-31* “ἐπει και τοῦ ξυνειθισμένου κομπωδεστέρα και τοῦ ἀμέτρον

A estrutura descrita acima, quando vinculada ao valor religioso apresentado anteriormente e ao uso feito dos espaços pelo Imperador e pelo Patriarca, permite entender como ocorria a construção da imagem do poder político de Justiniano na época. Procópio desenvolve ainda mais essa ideia ao explicar que a pessoa que avistasse Santa Sofia pela manhã enxergaria algo muito mais nobre do que uma construção grandiosa, “tal é a abundância em que banha-se de luz esse santuário”. Ao trabalhar a iluminação da basílica, o historiador lhe atribuiu uma nova dimensão, de contemplação do espaço religioso, de valor sagrado e o qual se destinava à memória imperial e patriarcal.

Por fim, diante de todo o exposto levantou-se a hipótese de que foi para fundamentar este argumento da divindade presente na basílica que a maior parte dos relatos de Procópio sobre a reconstrução se detiveram a pensar a cúpula, pois era a partir dela que a noção de luz divina poderia ser trabalhada. Tal ideia convergiu com as explicações feitas por Angold¹⁶. O autor apontou que foi a partir do círculo de janelas instalado na borda da cúpula principal que se permitiu ter um conveniente palco durante as festividades cristãs, para o encontro entre o Imperador e o Patriarca. Na celebração da missa, era o momento em que essas duas figuras se encontravam ao sair do santuário para trocar o “Beijo da Paz”, simbolizando a harmonia e a demonstração de união que Justiniano entendia que deveria persistir entre ambos os poderes. Era neste palco que Procópio narrava existir “um poder” que fazia o brilho estar na própria basílica, não sendo os raios solares os responsáveis por tal iluminação, o que ficou claro quando o autor falou ainda da variação das cores projetadas na basílica a partir da cúpula, que fornecia os tons necessários durante sua utilização para que os cristãos acreditassem que era o Imperador e o Patriarca simbolicamente que irradiavam luz.

Conclusões

Foi possível concluir que a basílica possibilitou ao governo se utilizar da crença cristã a partir dos espaços da construção para atingir seus ideais de poder. Também que os relatos de Procópio possuíam o papel histórico de deixar edificada além da escrita da reconstrução de Santa Sofia, a imagem de Justiniano, que deveria ficar de legado a História. Para isso, o autor moldou as narrativas apropriando-se de um lugar onde a memória político-religiosa encontrava-se consolidada e assim, deixou criado um local de memória histórica no documento, que por consequência auxiliou no processo de fortalecimento do poder imperial.

Os relatos serviram ainda como forma de sugerir aos próprios contemporâneos de Procópio e Justiniano a imagem que deveriam ter do governante e da basílica, o que ficou claro quando o historiador expôs as reações das pessoas de sua época que visitavam o local. Assim, tanto o processo de reconstrução, quanto da escrita do panegírico não foram realizados sem um propósito. Os relatos acabaram tendo grande importância na literatura do período tardo-antigo e na sua historiografia. Com estas reflexões o trabalho permitiu enfrentar alguns dos desafios que Aline Dias da Silveira apontou em seu estudo, em que tentamos nos inserir através desta pesquisa na busca por construir o nosso espaço no desenvolvimento da compreensão histórica, a partir das discussões que foram levantadas até aqui, e que ainda podem ser possibilitadas por este estudo.

Referências bibliográficas

Fonte documental

PROCOPIUS. *On Buildings* (ΠΕΡΙ ΚΤΙΣΜΑΤΩΝ). London: Harvard University Press, 1954.

Bibliografia

ANGOLD, M. *Bizâncio: a ponte da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

CAMERON, A. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 2005.

EVANS, J. A. S. *The Age of Justinian: The Circumstances of Imperial Power*. NY: Taylor & Francis e-Library, 2001.

GIBBON, E. *Declínio e Queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1960.

SILVEIRA, A. D. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 36, nº 72, p. 39-49, 2016.

TREADGOLD, W. Procopius of Caesarea. In: *The early byzantine Historians*. London: Palgrave Macmillan, 2010, p. 176-218.

κοσμιωτέρα ἐπιεικῶς ἔστι, φωτι δε και ἡλίου μαρμαρυγαῖς ὑπερφυῶς πλήθει. φαίης ἂν οὐκ ἔξωθεν καταλάμπεσθαι ἡλιῶ τον χῶρον, ἄλλα την αἴγλην ἐν αὐτῷ φύεσθαι, τοσαύτη τις φωτος περιουσία ἐς τοῦτο δη το ἱερον περικέχυται. και το μεν τοῦ νεω πρόσωπον (εἶη δ' ἂν αὐτοῦ τα προς ἀνισχοντα ἡλιον, ἵνα δη τῷ θεῷ ἱερουργοῦσι τα ἄρρητα) τρόπῳ τοιῶδε δεδημιούργηται.”, intervenção entre colchetes do autor.

¹⁶ ANGOLD, 2002, p. 33.